

20-04-2022

PARA ONDE VOLTAMOS? AO NORMAL?

Marcos Besserman Vianna

[Coordenador do Departamento de Direitos Humanos,
Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Começa aqui a trilogia pós-pandemia (se é que acabou...) iniciamos em PARA ONDE VOLTAMOS? AO NORMAL? Que será seguida por PARA ONDE VAMOS?

E depois QUAL O CAMINHO? (Quanta arrogância!!!)

A primeira coisa que precisamos entender é que o normal não existe. Quem tenta vender a ideia de que o normal existe está tentando vender junto à ideia de que o anormal existe. Uma gigantesca farsa, uma mentira inventada por um bando de chatos que tentam fazer com que pessoas diferentes se tornem tão chatas quanto eles são.

O ser humano é o único ser vivo do planeta que busca algo mais do que atender estritamente suas necessidades.

Sem esse desejo, não só a pintura, mas também a gastronomia, a música, o futebol ou a poesia não existiriam. Mas isso não pode ser desculpa para destruímos a natureza ou para que gastemos, no mundo, cinco vezes mais dinheiro em implantes mamários de silicone e consumo de Viagra do que em pesquisas para curar a doença de Alzheimer. Os infortúnios que acentuaram a calamidade pandêmica não foram corrigidos. A arrogância associada à pura estupidez política, que arruinaram a solidariedade, a ampliaram em vez de atenuá-la.

Não é a economia que está em crise.

É a humanidade que está em crise.

Os sobreviventes aprenderam, ou viraram chatos, que não sabem mais entender a nova realidade, nem se adaptar a ela porque acreditaram num sistema que entorpeceria a sociedade há décadas pelo ópio do consumismo, impregnado por valores tão prejudiciais quanto atraentes apenas na aparência, que nos queriam impor como único e verdadeiro. O discurso oficial de consolo foi que iríamos resistir e sair mais fortes. Tenho mais dúvidas a cada dia.

Mesmo com a vida voltando a alguma “normalidade”, não será a mesma que tínhamos antes da epidemia.

Coisas que costumavam fazer parte do nosso dia a dia não são mais possíveis, e precisamos aprender a lidar com uma vida muito mais frágil e com ameaças constantes.

Temos que mudar toda a nossa filosofia de “levar a vida” e entender que nada mais somos do que seres vivos entre outras formas de vida, das quais dependemos para continuarmos existindo. Passamos por meses de silêncio, ruas vazias, distanciamento social. Este mundo de depois, assim como o de antes, é habitado por desalmados de moto náutica, viciados em ruído e na queima de combustíveis fósseis. Do que vivemos?

Das atividades mais voláteis, mais instáveis, turismo excessivo, consumo, churrasco de cadáveres de animais inocentes, festas e fins de semana prolongados com viagens de carro em massa e férias de presidente. Até que ponto vai essa monstruosa “normalidade” que muitos estavam com tanta pressa para recuperar? Este é o mundo para o qual havia tanta pressa de retornar: a súbita e chocante simplificação radical da vida?

Eu me importo cada vez menos com as coisas, mas as que importam para mim importam muito mais agora.

Ainda não dimensionamos quais são as coisas que realmente importam, e a pouca atenção que têm recebido, submetidas a processos de degradação, abandono, durante anos: educação e saúde pública, em primeiro lugar.

Temos uma sociedade devastada pela pobreza e submetida ao poder do dinheiro, com uma indiferença altamente prejudicial para quem sofre e para quem mantém os olhos abertos para o sofrimento dos outros.

Todo o país está empobrecido e degradado por esse abandono: pesquisa científica sem recursos, professores esgotados e desmoralizados, profissionais de saúde no limite de suas capacidades. Mas os mais prejudicados pela exaltação da ignorância são os que mais precisam dos serviços públicos e da educação pública para viver com um pouco de dignidade, para despertar e fortalecer suas capacidades, e assim remediar na medida do possível a injustiça da indigência social. Sabemos que temos que mudar nosso sistema social e econômico, mas o que realmente importa é como mudamos, em que direção, que medidas são necessárias. Nesse ponto surge a verdadeira política necessária ... as decisões sobre a solidariedade são eminentemente políticas. Apesar de seu viés oculto, a pandemia demonstrou que a ciência moderna é a forma dominante de universalidade transcultural, oferecendo uma oportunidade maravilhosa para a ciência interpretar esse papel. Agora que parece que tudo passou, ou quase, é quando estou com mais medo. O mundo de hoje é uma cópia ruim do mundo anterior. Hábitos saudáveis e sustentáveis para o planeta são essenciais, mas o fato de se exercitar regularmente e comer muitas saladas com certeza não significa que se comprou uma vida melhor: o que se adquire é simplesmente uma maior probabilidade de se ter uma vida melhor. O que nos mata nem sempre é a vida, às vezes é o que nos impede de vivê-la. Por isso derrotar o fascismo é primordial. E mais importante do que permanecer vivo, é permanecer humano. Afinal, tudo não foi nada, apesar de um dia ter sido tudo. Depois de nada, eu sabia que tudo não passava de nada, e a única distinção entre os que pensam como eu e os “normais” é que somos diferentes. Permanecemos humanos.

PARA ONDE VAMOS?

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.